

R. CHRISTINY

UM
ESCOCES
NO
MEU
CAMINHO



R. CHRISTINY

UM
ESCOCÊS
NO
MEU
CAMINHO

Copyright © 2019 R. CHRISTINY

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Mari Vieira e Rebecca Pessoa

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.



[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo Final](#)



À minha mãe, que foi crucial para o desfecho dessa história enquanto eu enlouquecia, ao meu amor Rick que nunca deixa de me apoiar em cada aventura, a Raquel que foi fundamental durante minha pesquisa, a Kelly e a Liara, que indicaram Charlie e Tess para o Mundo todinho. E, sem dúvida alguma, à minha agenciadora Mari que me fez correr contra o tempo e encontrou uma casa para meu livro. Também agradeço muito aos meus leitores que pediam todos os dias por mais capítulos de forma nada amorosa (risos). Amo vocês.

Carta da autora: Olá, caro leitor. Sei que está ansioso para iniciar a leitura e eu também estou ansiosa por isso. Mas, antes de você embarcar nessa aventura é importante que saiba de algumas coisas. Vamos lá?

Em “Um escocês no meu caminho” eu decidi criar algumas cidades fictícias para não ficar presa à regras e poder ter mais liberdade na hora de criar a história. Contudo, isso não me impediu de honrar os costumes escoceses.

Pode acontecer de logo no primeiro capítulo você ficar confuso porque se inicia com ação e romance, e se perguntará se há algum livro que antecede à esse. Respondo aqui: não. Esse é o primeiro da série “Os escoceses”, tudo ficará explicadinho nos próximos capítulos. Prometo a você.

Por último, gostaria de dizer que nosso querido escocês não pertence há nenhum clã específico. Sendo assim, se divirta decidindo de qual clã você será.

Espero que você se saia melhor que eu pronunciando as frases em gaélico, porque, por Odin, eu sou uma aberração. E, falando nisso, as frases foram traduzidas através de um dicionário gaélico escocês, então cuidado com o amigo google tradutor caso tente traduzir. As vezes ele é uma armadilha.

Com todo amor,

R. Christiny.



Tess

CARREGAVA UMA FACA EM UMA MÃO, enquanto que, com a outra, segurava a rédea do cavalo para não cair. Desviei das árvores de troncos mais espessos, porém, não conseguia evitar que os galhos mais finos ferissem meu rosto.

Meu coração batia depressa; sabia que eles não estavam muito longe de mim. Pensei em diminuir a velocidade, me apavorei ao ver o quanto a floresta ficara estreita.

Senti um novo corte em minha bochecha, outro em meu braço. Já não podia contar quantas feridas surgiram em meu corpo desde que comecei a galopar.

Depois de correr por cerca de meia hora, reparei que o cavalo estava se cansando.

— Vamos lá, amigão. Aguarde só mais um pouco... — Falei, tanto para ele, quanto para mim. Honey já era um cavalo velho, apesar de sua pelagem preta e sua musculatura não deixarem isso em evidência.

Honey diminuiu a velocidade. E diminuiu... Diminuiu... Até parar por completo.

— Ah, por favor, Honey! — Tentei fazê-lo andar novamente, mas o animal estava decidido a não me obedecer. — Tudo bem. Já entendi.

Joguei a faca no mato para não me machucar ao descer.

Ao ouvir a cavalaria se aproximando, saltei o mais rápido possível. Ergui o vestido para não tropeçar nele, peguei a faca do chão e me preparei para continuar fugindo a pé.

Corri por entre as árvores, usando a faca para abrir caminho. Gemi de dor ao sentir as pedrinhas ferirem meus pés descalços e, para dificultar, os grampos caíram do meu cabelo e os fios se soltaram, atrapalhando a minha visão.

O sol estava se pondo, precisava encontrar um lugar seguro antes que o breu dominasse a floresta. Sabia que quando a noite chegasse, eu

estaria completamente em desvantagem em relação aos homens; eles possuíam lanternas e conheciam aquele lugar muito melhor que eu.

Minhas mãos estavam suadas e escorregadias, o que tornava quase impossível segurar a faca para cortar os galhos que estavam em meu caminho.

— Tess, pare de correr. Você irá se machucar! — Ele gritou.

Não iria respondê-lo para que não me encontrasse tão facilmente. A essa altura, provavelmente já tinham passado por Honey e visto que eu continuei a pé.

E como se fosse uma profecia, eu tropecei em um galho que estava camuflado no chão e cai de cara na terra. Bati o queixo e dei uma bela mordida na língua, o que me fez ganhar de dor. A faca foi jogada para frente, longe do meu alcance, e me tornou uma presa fácil.

— Eu te avisei, Tess. Avisei que iria se machucar! — Ele disse, ao descer do cavalo e se aproximar de mim. O comprido cabelo loiro estava preso em um coque bagunçado.

Deu uma leve coçada na barba antes de esticar a mão para tentar me ajudar a levantar.

Olhei ao redor e vi os capangas me cercando com seus cavalos. Eu estava sem saída. Mesmo que não quisesse me render, reconhecia que não havia como fugir.

— Não voltarei com você! — Afirmei, mas nós dois sabíamos que essa afirmação não tinha fundamento algum.

— Tess, não me faça ter que carregá-la em meus braços, sabe que farei se for preciso. — Atentou, para me lembrar das inúmeras vezes em que me carregou enquanto eu me fazia de garota birrenta apenas para provocá-lo. Mas dessa vez era diferente. Não era uma provocação. Ir embora talvez fosse uma questão de *sobrevivência*.

— Você não entende, Ryld? Eu não posso voltar. Agora todos sabem que não posso lhe dar herdeiros. Eu ouvi sobre a história da esposa que desapareceu misteriosamente porquê não podia conceder filhos ao seu marido.

— O quê? Você não é minha esposa... *ainda*. Mas, de toda forma, eu nunca permitirei que alguém a machuque. — Garantiu. Os olhos verdes como um pântano exalavam sinceridade.

Me ajeitei e sentei em meus calcanhares. Sentia gosto de sangue em minha boca, mas não queria cuspir. Desde que conheci a realeza de perto, aprendi que esse tipo de comportamento era extremamente inaceitável.

— O que acha que acontecerá comigo quando voltarmos? Como todos irão me olhar?

— Desde quando a dona marrenta se importa com o que alguém pensa a respeito dela? — Questionou, com um pequeno sorriso surgindo em seus lábios, e eu não consegui não corresponder ao sorriso que fazia meu coração palpitar.

Conhecer Ryld não fazia parte dos meus planos. Quando decidi sair do Brasil e me mudar para o Reino Unido, não tinha intenção alguma de me apaixonar, principalmente por um príncipe. Sem dúvida alguma, era a coisa mais maluca que já aconteceu em toda a minha vida. Era de suspirar e se desesperar.

Aceitei sua ajuda para me levantar. Ele retirou os gravetos que grudaram em meu vestido e as folhas das árvores que caíram em meus cabelos, como um bom cavalheiro.

— Você está ferida. Onde estão seus sapatos? — Ele questionou, ao observar meus pés sujos e também machucados.

— Eles apertavam meus dedos. Me desfiz deles no meio do caminho.

— Os brasileiros são realmente admiráveis. — Ele brincou. Me ergueu pela cintura para que eu subisse em seu cavalo e montou atrás de mim logo em seguida. — Você me deixou preocupado. Por que fugiu dessa forma?

Fiquei com a nuca arrepiada. Eu estava noiva de um dos homens mais cobiçados do mundo, mas ainda não tínhamos consumado a relação. Era preciso seguir a tradição de sua família, e, para minha infelicidade, Ryld seguia esse protocolo bem à risca. E eu estava completamente desesperada para tocá-lo sem aquele amontoado de roupa entre nossos corpos.

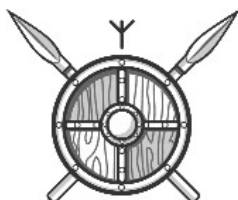
— Porque eu me desesperei. Não tenho conseguido dormir direito desde que o boato se espalhou. Sinto que sou observada a todo instante. — Cochichei para que apenas ele me ouvisse.

— Tess, você em breve será a duquesa de *Broksdalle*. Não é coisa da sua cabeça, todos a observam. — Ele tentou me tranquilizar com seu tom de voz doce, gentil e sexy. — É por isso que trouxe uma faca consigo?

— Sim. Eu não confio em seus guardas. — Cochichei novamente, e olhei de soslaio para os cavaleiros que nos acompanhavam em silêncio.

— Eles a aborreceram de alguma forma? — Questionou, em um tom alarmante, porém baixo, e deixei de olhar para a estradinha de terra por um breve momento para encarar os guardas.

— Obviamente que não, Ryld. — Menti. Não havia razão para aborrecê-lo contando que Noah, seu guarda mais antigo, olhava para meus seios sempre que eu usava vestidos com um pequeno decote. E por que eu diria que Ethan, seu outro segurança, já me passou galanteios? Eu podia muito bem lidar com esses babacas. No entanto, tinha Charlie, seu segurança recentemente contratado, esse sim me causava calafrios. Ele não me sorria como os outros, e muito raramente se dirigia à mim. Havia algo no homem que me amedrontava; suas poucas palavras eram frias como cristais de gelo.



— O que acha que acontecerá quando voltarmos? — Perguntei a Ryld assim que atravessamos a porta de entrada. Aproveitávamos o verão juntos na casa de campo da sua família fazia poucos dias.

— Como assim? — Ele perguntou, logo atrás de mim. Os seguranças também entraram, mas não nos seguiram até o andar de cima para nos dar privacidade.

Esperei até que entrássemos em nosso quarto e a porta estivesse fechada para responder.

— Sobre eu não poder ter filhos. Não finja que não se importa. Você mesmo disse que não queria que ninguém soubesse antes do casamento e agora essa notícia está em todos os jornais. — Falei. Encarei meu

reflexo no espelho e arranquei os poucos grampos que haviam sobrado em meu cabelo.

Ryld entrou na minha frente e segurou meus pulsos de forma delicada para roubar minha atenção para si.

— Tess, quando você me disse que nunca poderia ter filhos eu te disse que isso não mudava nada entre nós e eu fui sincero. Meu coração foi parar na garganta. Eu nunca me acostumaria com esse homem genuíno me amando de forma tão pura.

— Eu sou uma plebeia. Uma plebeia estéril. — Murmurei, refreando as lágrimas.

— Não. Você é a mulher que eu amo. Essa é a única coisa que importa. — Ele soltou meus pulsos para erguer meu queixo. — Minha marrentinha.

Ryld sabia como acalmar meu frágil coração.

— Sua alteza real me deixa deveras seduzida por essas belas palavras. — Brinquei em um baixo tom de voz, quase um sussurro.

Me coloquei na ponta dos pés para alcançar os lábios daquela beldade de sorriso sedutor.

O beijei com ternura, fogo e cintilância. Eu entreguei meu coração através do toque quente e dos lábios úmidos. Agarrei seus braços fortes; o desejo ardia e me mordida por dentro.

Ryld me afastou quando percebeu que nossos corpos pegavam fogo, que através do nosso abraço já não passava nem mesmo vento.

— Estou contando os dias, marrentinha. Conto os minutos e segundos para que você seja minha. — Compartilhou, entre sorrisos e lábios molhados.

— Quebre o relógio por um momento, sua alteza real. — Falei com provocação. O ar já não era inalado com a mesma frequência.

Ryld deu um passo à frente e todo meu sangue ferveu.

Ele me tocou outra vez. Agora suas mãos foram em meus cabelos. Fechei os olhos com deleite, e segurei um gemido que parecia vir da alma.

— O calor perto de você é intenso e insuportável. É quase impossível te dizer não. — Ele balbuciou. As mãos firmes puxavam meus cabelos.

Elevei o rosto e o olhei nos olhos, o tom verde estava incendiado.

— É tão difícil recolher minhas mãos para não tocá-la. Ter essa vontade e não poder satisfazê-la logo. — Ele acrescentou.

Cada frase que saía da sua boca era como uma deliciosa chicotada no meio das minhas pernas, me deixando molhada. Entrei em estado de brasas ao sentir seus lábios em minha nuca, mordiscando minha pele e a beijando suavemente. Talvez fosse errado, ia contra as regras, mas eu ansiava que ele me tocasse. Queria sentir suas mãos masculinas em meus seios, os dedos compridos em minha intimidade molhada.

Já quase sem forças e trêmula, o afastei apenas para rasgar sua camisa. Ouvi os botões quando eles caíram no assoalho de madeira.

Seu corpo era como sempre imaginei, tórax e abdômen fortes e definidos, não a ponto de chocar, mas atraentes o suficiente para me fazer ficar enlouquecida para sentir... com a língua.

Provocadora, levei minhas mãos até o zíper do vestido, nas costas, e o descii lentamente. Ryld trincou o lábio inferior e observou todos meus movimentos depravados.

Em um balanço dos quadris e com ajuda das mãos, me despi. Eu senti a ponta dos seus dedos descerem de meu pescoço até os meus seios. A minha respiração afogou. Ele permaneceu com a mão em meu corpo, saboreando-me lentamente.

— Em meus pensamentos, já tive você de todas maneiras possíveis e desejadas. — Ele sussurrou. Suas palavras eram como magia que excitava meu corpo. — Por segundos, eu pude sentir teu interior ligeiramente amargo e embriagante. Minha mente devassa, inventava cada pedacinho seu. E agora você está aqui, Tess, quase completamente nua na minha frente, e tudo que posso fazer é tocá-la superficialmente.

— Eu sou inteiramente sua, alteza real. Admire-me com os olhos ou com os lábios, da forma que desejar. — Ciciei, com intuito de aticá-lo um pouco mais. Ryld tinha um curioso poder de me deixar submissa. Seu olhar me aquecia, como se eu segurasse um punhado de carvão quente.

— Precisamos aguentar mais um pouco, dama fogosa. Prometo que não se arrependerá. — Ele disse, após um minuto tentando voltar a respirar normalmente.

— Sabe do que preciso? Da sua barba roçando minhas coxas, sua língua penetrando meu caminho mais quente e molhado... — Eu mal consegui completar meus pensamentos perversos e Ryld já estava outra vez agarrando meus cabelos e sugando meus lábios com volúpia.

Ele me apertou em seus braços fortes. Nossos corpos suados e cálidos se encaixavam perfeita e enlouquecidamente. Estávamos prontos para ir adiante com aquilo, até a batida na porta acabar com tudo.

— Sua alteza real!? — Ele chamou. Era Charlie.

Ryld se afastou rapidamente e ajeitou sua roupa e cabelo. Eu fiz o mesmo. Não que adiantasse muita coisa: qualquer um que tivesse um pingo de malícia na mente saberia o que acontecia ou estava prestes a acontecer dentro daquele quarto, bastava observar a camisa de Ryld rasgada, seus lábios vermelhos, ou meu rosto rubro de quem estava prestes a ter um delicioso orgasmo.

— Sua alteza? — Charlie insistiu, batendo à porta. — Vossa majestade, a rainha, está ao telefone.

— Saio em um minuto — Ryld respondeu, e depois se voltou para mim: — Sinto muito, Tess, preciso atendê-la.

— Claro. — Concordei da boca *pra* fora; por dentro estava feito um vulcão que por muito pouco não entrou em erupção. Sempre que estávamos prestes a fazer algo, sua mãe encontrava uma forma de interromper. Era como se tivesse uma câmera em todo lugar que fossemos.

Ryld abriu a porta depois de ter trocado de camisa.

Charlie, que aguardava pacientemente ao lado de fora, deu espaço para Ryld passar e, de uma forma estranha e misteriosa, virou o rosto e me deu um sorriso de canto, quase inexistente. Eu, que já estava levemente ruborizada, fiquei ainda mais. Franzi o cenho, tentando entender sua piada interna.

— Se me permite falar, senhora, seu vestido está aberto. — Disse Charlie. Automaticamente, tentei virar o rosto para conseguir olhar o zíper nas costas.

— Sim, eu sei. — Falei, fingindo não estar vermelha de vergonha.

— Se me permite falar novamente, senhora, seus ferimentos estão sangrando. — Charlie apontou para os machucados no meu braço, que eu tinha feito questão de esquecer enquanto me agarrava com meu noivo.

— Mais algum comentário, Charlie? — Questionei com arrogância, e entrelacei as mãos em frente ao corpo.

— Não, senhora.

— Ah, por favor. Ainda não estou casada, prefiro que me chame de senhorita. — Falei em um tom mais sociável. Gostaria de ter uma relação amigável com ele, da mesma forma que eu tinha com os outros seguranças. No entanto, o senhor cristais de gelo parecia não ter a mesma intenção que eu.

— Como quiser, senhorita. — Falou de forma breve e fez uma reverência grotesca, como se fosse sair.

— Charlie? — O chamei, antes que ele desaparecesse no extenso corredor. Ele se virou e me encarou com seus olhos escuros feito madeira polida. — Você tem algum problema comigo?

Ele franziu o cenho e ergueu a sobrancelha, como quem está claramente confuso. Mas eu não dei muita credibilidade. O homem tinha um quê de ironia no rosto que estava sempre presente ao me encarar.

— Não tenho problema algum com a senhorita. Me permita perguntar: por que acha isso?

Engoli em seco e meus ombros ficaram tensos quando me dei conta de que eu tinha medo de Charlie. Não apenas pelo fato de ele ser alto e forte, como também por ele aparentar ter um coração viperino.

— Eu não sei. Apenas sinto que há um muro invisível entre nós. — Minhas frases soaram com rouquidão.

— Senhorita, isso vem do fato de eu servi-los. — Retrucou com insensibilidade e amargura. — Lamento que a dama se sinta desconfortável perto de mim. Tentarei ser mais sorridente como os outros.

Senti meu estômago embrulhar e aprisionei uma ofensa na garganta.

— Certo. Agora já pode ir. Obrigada.

Ele me deu outro daqueles sorrisos enigmáticos antes de partir.

Tomei banho após cuidar dos meus ferimentos dos braços, rosto e pés. Por sorte, nenhum fizera um corte profundo, porém, o do rosto me causava incômodo. Foi preciso algumas camadas de maquiagem para conseguir escondê-lo.

Optei por um vestido colorido para o jantar. Cabelo preso com grampos, o que deixava em evidência os brincos de pérola, assim como o colar de três voltas no pescoço, e um salto baixo nos pés.

Ryld não retornou ao quarto depois do telefonema da rainha, e após perguntar a Noah, descobri que o príncipe se encontrava no escritório executivo na ala leste, e que havia pedido para não ser incomodado. Certamente essa ordem não se aplicava a mim.

O encontrei com um copo de uísque na mão, sentado no sofá vermelho carmesim perto da lareira - que não estava acesa. O olhar cabisbaixo foi o que me deixou aflita.

— O que aconteceu? — Perguntei assim que entrei. Ele ergueu os olhos de pântano para mim, foi quando reparei que ele chorara.

— Você está magnífica. — Elogiou com admiração e ignorou minha pergunta.

Dei a volta no cômodo para me sentar em seu colo.

Ele deixou o copo na pequena mesa ao lado para puxar meu rosto para si e beijar-me nos lábios com ternura.

— Eu nunca deixarei você. — Sussurrou, assim que nossas bocas se afastaram.

— O que houve? O que a rainha queria? — Questionei temerosa.

Ele bufou e revirou os olhos.

— Ela leu a matéria sobre você que vazou no jornal e pede para que eu cancele o casamento.

Me levantei do seu colo quase que em um salto, nervosa.

— Eu sabia que isso iria acontecer. Mulheres que não podem ter filhos não são nada, não é?

Ele também se levantou. As mãos que foram irritadas à cabeça, arrancaram a fita de cabelo e, maldito seja, Ryld com aquela cabeleira

loura caindo pelos ombros era de tirar o fôlego.

— Olhe para mim, Tess. — Clamou. — Eu me casarei com você. Encontraremos uma forma.

— Você pode perder a...

Ele segurou as minhas mãos.

— Falarei novamente, para o caso de você não ter entendido. — Me interrompeu. — Eu me casarei com você. Eu sou seu, Tess, desde a primeira vez em que a vi sentada sozinha naquela mesa de restaurante. Eu fui seu desde as primeiras palavras que trocou comigo sem saber quem eu era. Eu sou seu, e se você puder me conceder a honra de ser minha esposa, isso valerá mais que qualquer coroa, mais que qualquer bem material.

O ar me faltou. E, pela segunda vez, ele me desarmou.

— Honra concedida, sua alteza real. — O respondi com um resquício de oxigênio.

Ele sorriu, aquelas curvas lindas de morrer.

Senti suas mãos quentes me apertarem pelas costas, e meu coração acelerou.

— Você é a única ilha no meu oceano. A única ilha — Murmurou.

Nos preparávamos para nos beijarmos, quando um dos seus seguranças entrou correndo no escritório, com o coração na boca, testa suada e olhar apavorado.

Ryld e eu nos desvencilhamos igualmente assustados.

— Ethan!?

— Desculpe, sua alteza real, eu devia ter batido. Mas aconteceu algo que merece atenção emergencial.

— Outro telefonema? — Questionei.

— Não, senhorita. — O olhar de Ethan foi de mim para Ryld. — São os cavalos. Estão mortos.

Levei à mão ao peito, surpreendida e chocada.

— Todos? — Ryld quis saber. Os olhos refletiam a dúvida sentida.

— Sim, alteza. Ainda não sabemos o que aconteceu. — Ethan respondeu agitado.

— Como não sabem!?! — Ryld falou em um tom que se misturava incredulidade e repreensão.

Ethan encarou os próprios pés.

— Os cavalos... eles estavam bem quando chegamos. Não conseguimos entender. — O tom diminuiu para um sussurro irritado. — Parecem ter sido envenenados.

Foi minha vez de ficar abalada. *Envenenados?*

— Como isso é possível? Eles não estavam no estábulo com o zelador? — Eu perguntei.

Ethan virou-se para mim.

— Estavam sim, madame. Acontece que o zelador já tinha ido se deitar havia algumas horas quando ouvi um barulho suspeito, como se algo tivesse caído. Eu corri para verificar, foi assim que constatei que os cavalos não respiravam. Eu telefonei para o veterinário deles, mas era tarde demais. Eu sinto muito.

— Alguma animal venenoso? — Perguntou Ryld, bastante abalado. Os cavalos sempre foram sua paixão.

— Ainda não sabemos, sua alteza. Mas acredito que não.

Ryld esfregou os olhos, transtornado, e começou a andar de um lado para o outro.

— Em que acredita, Ethan? Sugere que alguém tenha envenenado meus cavalos?

— Sua alteza... eu... não... — Ethan começou a gaguejar, como se de repente sua camisa tivesse ficado bem menor que seu tamanho e o impedisse de respirar. Eu o entendia, Ryld e seus braços fortes eram de silenciar qualquer um, principalmente quando ele estava zangado. Parecia três vezes maior.

— Querido, por que não vamos lá dar uma olhada? — Perguntei em um tom manso, ao notar como ele ficou pálido e trombudo. Nenhum vestígio do meu noivo carinhoso e gentil estavam visíveis.

— Não! — Retrucou. — Você não sairá daqui.

Fiz careta, odiando a escolha do seu tom de voz.

— Isso é uma ordem do príncipe Ryld de Gales ou do meu noivo!? — Revidei, sem me importar com a presença do seu segurança particular. — Eu, honestamente, espero que isso não seja ordem de nenhum dos dois.

Notei que Ryld relaxou os ombros, e as linhas de expressão também sumiram do rosto. Ele se aproximou e segurou minhas mãos.

— Tess, se alguém envenenou meus cavalos é porque está tentando me atingir, a pessoa sabia que eles eram importantes para mim. O que será de mim se essa pessoa descobrir que você é meu bem mais precioso? — Seus olhos não desviaram dos meus por um único segundo.

— Não me agrada quando me dá ordens, sabe disso. — Respondi.

— Eu sei. Peço desculpa. — Murmurou, segurando meu queixo pequeno. — Tire esse olhar do seu rosto.

— Sim, sua alteza real. — Disse, um pouco debochada. O fiz sorrir por um breve momento, antes da expressão aflita dominá-lo por completo novamente.

— Onde estão os outros homens, Ethan? — Ele perguntou, deixando de dar atenção para mim.

— Pedi para que verificassem a casa, alteza. — O homem parecia com medo de falar.

Ryld concordou com um balançar de cabeça. Eu ouvi o suspiro aliviado que soou de Ethan.

— Fez bem. Vamos, quero dar uma olhada nos cavalos.

— Não acha mais seguro esperar pelos outros homens? — Eu resolvi me intrometer.

— Não. Se eu encontrar quem fez isso, quero ter a honra de acabar com ele ou ela. — Disse e depois cruzou os braços. — Espero que essas palavras fiquem apenas entre nós. Não quero ter que me explicar para nenhum jornal mais tarde caso isso apareça fora de contexto.

— Não tem com o que se preocupar, sua alteza. — Falou Ethan, um pouco mais relaxado.

Eu apenas abaixei minha cabeça e acariciei meus braços arrepiados. Não me agradava a ideia de alguém ter matado os cavalos apenas para provocar Ryld.

O que a pessoa queria com isso? Era alguma espécie de aviso?

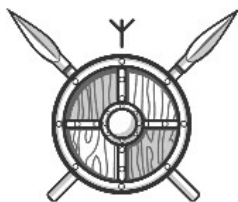
— Tess? — Me chamou. — Você está bem?

— Sim, só estou com um pouco de frio. — Menti.

— Quer que eu peça para alguém acender a lareira? — Ele perguntou.

— Não vejo necessidade. Eu irei para o quarto. Me avise quando voltarem do estábulo, sim? — Me agarrei ao corpo de Ryld e o abracei com toda força, como se fosse uma espécie de adeus. Ele retribuiu o abraço com a mesma ternura.

— Eu preciso ir agora — sussurrou em meu ouvido. Fui obrigada a soltá-lo.



Não jantei. Me deitei na cama com o mesmo vestido colorido que tinha colocado horas atrás. Chacoalhava a perna em cima da outra em um gesto nervoso. Já haviam passado algumas horas desde que Ryld fora ao estábulo com Ethan, e esse tempo sem notícias me deixava aflita.

O relógio marcava quase uma da manhã. A casa estava tão silenciosa, que minha própria respiração era motivo de pavor.

Não aconteceu nada. Eles ainda devem estar olhando os cavalos.

Me sentei na cama, tirei o salto dos pés e, por ser mais confortável, resolvi sair descalça.

Poucas luzes estavam acesas. A imensa casa de paredes vermelhas e longos tapetes, era de causar arrepios quando era possível ouvir o eco. Segurei no corrimão de madeira enquanto descia em passos rápidos. Minhas mãos suavam frio, o que tornava o toque um pouco escorregadio.

Ao chegar no andar debaixo, constatei que os funcionários também não estavam por ali. Fazia um tempo desde a última vez que ouvi a voz de alguém que não a minha própria.

— Madame? — Uma voz soou atrás de mim, e, por isso, pulei assustada.

— Ah, Charlie. — Falei, assim que me recuperei do susto.

Seus braços estavam cruzados. Um sorriso singelo surgiu em seu rosto carrancudo.

— Perdoe-me, não quis assustá-la. Eu apenas não esperava encontrá-la vagando pelos corredores a essa hora.

Reparei que seu cabelo estava molhado e bagunçado, como se tivesse acabado de sair do banho. O bom cheiro de sabonete ou shampoo, me fez ter certeza.

— Procurava por meu noivo. Ele não retornou do estábulo? — Tentei falar em um tom de voz pacífico, para não deixar transparecer o desconforto que eu sentia sempre que ele estava por perto.

— Não, madame. Sua alteza pediu privacidade para que pudesse se despedir de seus cavalos.

— Ele ficou sozinho!? — Questionei em um tom acusatório.

— Decerto que não, madame. Há dois seguranças fora do estábulo; enquanto eu fui encarregado de protegê-la. — Falou com animosidade.

Revirei os olhos, desaprovando não apenas sua função, como também a forma como ele me tratava. Eu falaria com Ryld pela manhã, diria que o homem que ele colocou para me proteger era o mesmo que me olhava como se estivesse enfiando uma espada em meu peito e adorando ver o sangue jorrar.

— Vejo que se preparava para dormir. Por favor, não permita que eu estrague seus planos. — Ironizei, usando o mesmo tom de voz que ele.

Lhe dei as costas para seguir em direção à cozinha. Ouvi seus passos me acompanhando sem se preocupar em manter muita distância. Fiquei inteiramente arrepiada.

— A senhorita está com fome? Quer que eu peça para que preparem algo?

— Não, Charlie. Creio que eu mesma possa fazer meu chá. — Falei. Peguei um bule e o enchi de água. Charlie chegou ainda mais perto, quase encostando seu braço no meu. — Não precisa me seguir, Charlie. Acredito que o senhor possa cumprir sua função e me dar espaço ao mesmo tempo.

— Da última vez que lhe dei espaço, a dama pegou um cavalo, uma faca e fugiu. Não posso cometer o mesmo erro.

Eu não sabia o que me causava mais tremor: seu olhar oblíquo ou as grossas sobrancelhas que contrastavam com eles. Talvez fosse a junção de tudo. Seu corpo alto, as veias transparecendo em seus braços fortes, o queixo quadrado e os lábios que raramente sorriam de forma natural.

Charlie era como um labirinto que a cada segundo me deixava mais perdida. Ele não era uma pessoa fácil de decifrar; ele se escondia como se fosse um valioso tesouro.

— Eu não sabia que eu tinha um segurança particular. — Revelei. — Eu não sou ninguém perto do príncipe. Não preciso de proteção.

— Está enganada, madame. És a mulher que o endireitou.

Larguei o bule em cima da pia, pois aquele assunto muito me agradava.

— Como assim?

— A senhorita deve ter ouvido os rumores sobre o príncipe. — Ele parecia adorar me ver confusa, soltava as informações gradativamente, sabendo que eu ansiava por detalhes. — Não é nada que mereça sua preocupação.

Cruzei os braços para tentar parecer durona.

— Diga de uma vez, Charlie.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça relaxadamente. *Segurança* coisa nenhuma. O senhor cristais de gelo certamente me deixaria morrer na primeira tentativa.

— Não é segredo para ninguém que o príncipe gostava de festas e de sair com muitas mulheres. — Deu de ombros para mostrar que a informação era insignificante.

— Está tentando dizer que o príncipe era mulherengo e que eu o "tirei" dessa vida? — Fiz aspas com as mãos, zombando daquilo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um escocês no meu caminho (Escoceses L..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).